

## Não me falhes

Encontrei-o na rua e apanhava flores. Um ramo de margaridas enchia-lhe a mão enrugada. Da outra caía um saco cheio de nada. Eu ultrapassava-o, na minha passada apressada, sem eu própria saber o porquê de tal frenesim. Mesmo assim chamou-me a atenção e detive-me, com alguma surpresa, a observá-lo. Ora essa, um homem daquela idade a apanhar flores pelos jardins, e a sorrir enquanto as apanhava, como se recebesse um presente, não deixou de me fazer pensar. Afinal as flores, essa dádiva da natureza, significam algo muito especial para todos sejam, velhos ou ricos, urbanos ou campestres. De repente, aquela imagem fez-me lembrar um velho agricultor orgulhoso do seu pomar colhendo os seus frutos enquanto agradece à terra e aos deuses tal dádiva.

- É preciso ter fé minha senhora!... Não acredita?

- Acredito!... Respondi, não sem mostrar admiração. E são pessoas como o senhor que me levam a acreditar.

- Ai minha senhora não há dinheiro para nada, muito menos para flores. Olhe vou tirando umas aqui, outras ali!... Qualquer dia vou preso ou então obrigam-me a pagar uma multa. Se me levarem preso terão que me alimentar. É o castigo que lhes dou. Quem é que paga uma multa quando ganha de reforma 220 euros?

- Sabe a senhora para que quero as flores?

- Possivelmente vai oferece-las à sua mulher.

- Não, não são para a minha mulher. Se as flores lhe dessem saúde, a minha casa era um jardim permanente. O que eu sofro com o sofrimento dela. Tenho fé e acredito, especialmente, no nosso Santo Padre - aquele que já morreu - o Papa João Paulo II.

- E que têm as flores a ver com a sua convicção? Perguntei, não vislumbrando qualquer relação.

- Sabe? Eu fiz um pequeno altar, num cantinho do meu quarto, onde tenho o Santo Padre que é o Deus da minha devoção. Então estas flores são para enfeitar e dar vida àquele lugar onde rezo e escuto. Vê agora como as flores têm a ver com a fé?

Calei-me e interiorizei aquelas palavras acompanhadas de consolação reveladoras das suas convicções. Lembrei-me de uma frase que um dia ouvira: " os ricos têm todas as razões para acreditar em Deus e os pobres para acreditar no Papa". Quase me pediu que concordasse. Para quê contrariar sentimentos tão poderosos e tão belos? A sua razão era mais forte do que tudo.

- Ainda bem que o senhor é tocado por essa espiritualidade. Pior seria se não fosse. E se vai roubando, aqui e ali, essas flores para embelezar e dar vida aos santos nenhum mal lhe pode suceder pois eles nunca o permitirão!

- Sei lá! Seja o que Deus quiser. Já tenho 85. A minha mulher tem uma reforma igual à minha. Às vezes nem compro os remédios todos porque o dinheiro não chega. Ela perdeu uma perna e já lá vão muitos anos

que vive numa cadeira de rodas. Sabe a senhora o que lhe digo todos os dias? Olho-a bem nos olhos e peço-lhe: - não me falhes! E ela responde-me com lágrimas de luz! Essa luz fica a brilhar em mim o dia inteiro e acredite que é tudo quanto preciso de ouvir. É assim que nos amamos.

- É o amor que nos salva. Respondi, embaraçada, ao ouvir aquelas palavras de sabedoria.

- Somos pobres e o tempo que já vivemos ensinou-nos a construir laços de ferro que ninguém poderá destruir. Oiça o que lhe digo: se alguém ousar beliscar a nossa união então é a minha vez de levantar este braço e, com um leve toque, obrigá-lo a uma passeio ao hospital; este braço tem mais ferro dentro do que uma armadura. É a minha defesa mas também é o meu ataque. A mão ficou intacta, agora o braço ia mesmo ficando sem ele. Tive mesmo muita sorte em terem reconstruído esta obra de engenharia. Pode tocar-lhe...experimente...Pedi-me com insistência. Enquanto falava encostou o braço ao meu, talvez convencido que dessa forma eu não duvidaria.

- Foi um acidente que tive quando trabalhava na Namíbia.

- Imagino o seu sofrimento mas vejo que ultrapassou...

- Sabe a senhora porque estou a falar consigo?

- Diga, diga!...

- É que preciso de falar com alguém! Alguém que me oiça! A senhora não deve saber mas, quando somos pobres e ainda por cima velhos, ninguém fala connosco. Não nos dão ouvidos. Julgam que falamos para pedir, fazem-se apressados e, às vezes, até viram a cara para o lado. Parecem cegos e surdos e nós ficamos a falar sozinhos, é o que é!

Ao dizer isto parou e fixou os olhos nos meus como que a dizer: "o que digo é para ti que estás aqui na minha frente".

- Faz muito bem falar. O senhor é extraordinário. Com tantos incidentes na sua vida e continua de paz com Deus. Sabe? A maior parte das pessoas quando as coisas correm mal zangam-se com Ele. Pensam que a fé é uma espécie de negócio e, se a vida corre bem, tudo está bem mas, se corre mal partem a loiça toda. Ora o senhor é vertical e íntegro.

- Fui sempre pobre desde que nasci. O meu pai, que Deus tem, era padeiro.

- Levava pão quente para casa, acrescentei com entusiasmo.

- Não levava. O que comi foi o pão que o diabo amassou!...

- Então?

- Quando eu tinha três anos e já podia comer pão, o meu pai andava desorientado com tantos problemas e matou-se! Veja a minha sina.

Quantas vezes, então, o pão que comi era duro e cheio de bolor.

- Agora há que continuar em frente e, ao olhar para trás, orgulhar-se de tudo o que construiu na sua vida. Posso saber o seu nome? Afinal estamos aqui a conversar e ...

- José Moreira. Moro mesmo aqui. Vê aquela janela com roupa estendida? É a minha casa.

- Afinal somos vizinhos. Vamos ver-nos mais vezes com certeza.

- Obrigada por me ter ouvido. Desabafei consigo e isso fazia-me falta.
- Sr. José Moreira se pensarmos um pouco, acabamos por verificar que há pequenas coisas que, muitas vezes nem vemos, que nos vão sucedendo e que são tão gratificantes. Sei lá o perfume dos campos, uma noite de luar, um abraço de um amigo ou uma melodiosa música que nos enche a alma e nos faz sentir eternos! Se estivermos atentos descobrimos coisas maravilhosas que a vida nos vai oferecendo. Estarmos vivos é também ter a capacidade de nos espantarmos com o mundo.
- Sim, sim, é verdade mas...
- O homem parou e olhou não o céu, mas o chão que pisava. Num gesto de gratidão abraçou o perfume das flores que a Terra oferecera e partiu...
- Estimei em conhecê-la e até qualquer dia.
- Agradeço-lhe, afinal confiou em mim sem me conhecer... Gostei de conversar consigo. Desejo felicidades para vós. Até um dia destes.

Regressei a casa num ritmo mais calmo, não fosse escapar-me alguém a precisar de um "olá". Aquelas palavras saltavam como pedras no meu caminho e na minha mente. Liguei o rádio e uma voz anunciava: "um país é desenvolvido se tratar com dignidade a população mais velha e silenciosa".

Um país é feito por todos os nomes. Eu, tu, ele...

*Dezembro 2011*  
*Isabel Madaleno*